

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANTARIO REPUBLICANO

Numero 253

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srz. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

## A QUESTÃO CLERICAL

### As Congregações em França

A *Assemblée Nacional* supprimiu, pois, todas as congregações, as regulares e as seculares, de direito e de facto. A *Convenção* completou essa obra separando a Igreja do Estado.

A 17 de setembro de 1794, a *Convenção* decreta:

Art. 1.º—*La République française ne paye plus les frais ni les salaires d'aucun culte.*

Este decreto foi seguido d'outros que o completaram, e que passamos a traduzir e a transcrever, quasi na integra, por serem geralmente desconhecidos e, no entanto, d'alto valor historico.

Decreto de 3 Ventôse anno III (21 de fevereiro de 1795):

Art. 1.º—Em conformidade com o artigo 7 da *Declaração dos Direitos do Homem*, e com o artigo 22 da *Constituição*, não pôde ser perturbado o exercicio de nenhum culto.

Art. 2.º—A Republica não concede subsídios a nenhum.

Art. 3.º—Não concede edificio algum, nem para o exercicio do culto, nem para residencia dos respectivos ministros.

Art. 4.º—São prohibidas as ceremonias de qualquer culto fóra do recinto escolhido para o seu exercicio.

Art. 5.º—A lei não reconhece nenhum ministro do culto: ninguém pôde apparecer em publico com os habitos, ornamentos ou trajes ecclesiasticos ou relativos ás ceremonias religiosas.

Art. 6.º—Toda a reunião de cidadãos, para o exercicio de qualquer culto, é submettida á vigilancia das auctoridades constituídas. Essa vigilancia resume-se em medidas de policia e de segurança publica.

Art. 7.º—Nenhum signal particular de qualquer culto pôde ser collocado em logar publico, nem exteriormente n'um edificio, seja de que maneira fór. Nenhuma inscripção pôde designar o logar onde elle se realisa. Nenhuma proclamação nem convocação pôde ser dirigida aos fiéis.

Art. 8.º—As communas, ou seções de communas, não poderão, em nome colectivo, adquirir nem alugar local para exercicio dos cultos.

Art. 9.º—Não é consentida nenhuma dotação perpetua ou vitalicia, nem se permite que se estabeleça taxa alguma para as despesas do culto.

Decreto do 11 prairial anno III (30 de maio de 1795):

1.º Os cidadãos das communas e das seções de communas da Republica terão, provisoriamente, o uso livre dos edificios não alienados, originariamente destinados ao exercicio d'um ou muitos cultos, e dos quaes estivessem de posse no primeiro dia do anno II da Republica. Poderão servir-se d'elles, sob a vigilancia das auctoridades constituídas, tanto para as *assembléas orientadas pela lei*, como para o exercicio do seu culto.

2.º Estes edificios serão dados ao uso dos dictos cidadãos no estado em que se acham, ficando a cargo d'elles a sua reparação e conservação, sem nenhuma contribuição forçada.

3.º Não será concedido mais do que um d'estes edificios por cada um dos doze *arrondissements* de Paris.

4.º O uso será commum aos diferentes cultos. As municipalidades, sob a vigilancia dos corpos administrativos, fixarão para cada culto os dias e as horas mais convenientes, assim como os meios de manter a decencia e de conservar a paz e a concordia.

5.º Ninguém poderá exercir o ministerio religioso, de qualquer culto, nos dictos edificios, sem fazer acto de submissão ás leis da Republica, perante a municipalidade do logar onde o quizer exercir.

Decreto do 20 fructidor anno III (6 de setembro de 1795):

1.º—A *Convenção* encarrega os seus comités de governo de fazer observar, por todos os meios que teem ao seu alcance, as leis precedentemente publicadas contra os padres deportados e que hajam entrado de novo nos territorios da Republica, os quaes serão banidos para sempre dentro do praso de quinze dias.

2.º Os corpos administrativos e judicarios ficam responsaveis pela execução d'este decreto, sob pena de demissão e tres mezes de prisão.

3.º—Tres dias depois da publicação do presente decreto, todos os ministros de cultos que tiverem recusado o acto de submissão exigido pela lei do 11 prairial, ou que tiverem acrescentado restricções a esse acto, ou que se houvessem retratado, e que ainda exercerem um culto qualquer nos edificios publicos, em casas particulares, ou n'outro local, serão immediatamente presos e conduzidos á casa de detenção d'um dos departamentos visinhos.

4.º—Os proprietarios dos locatarios dos predios, onde se exercer o culto contra as disposições da lei, serão condemnados a 1:000 francos de multa e seis mezes de prisão.

Decreto do 7 vendémiaire anno IV (20 de setembro de 1795):

A *Convenção*, depois de ter ouvido o relatório do seu comité de legislação;

Considerando que nos termos da *Constituição* ninguém pôde ser impedido de exercir, conformando-se com as leis, o culto que escolheu; que ninguém pôde ser forçado a contribuir para as despesas de nenhum culto e que a Republica não subsidia nenhum;

Considerando que assim collocadas as bases fundamentaes do livre exercicio dos cultos, importa, por um lado, converter em leis as consequencias que d'ahi derivam, e, para esse effeito, reunir n'um só corpo, modificar ou completar as que tenham sido publicadas, e, pelo outro, acrescentar-lhes disposições penaes que lhes assegurem a execução;

Considerando que as leis, com as quaes é necessario conformar-se no exercicio dos cultos, só dizem respeito ao dominio do pensamento, ás relações dos homens com os objectos do seu culto, e que não teem, nem podem ter por fim senão uma vigilancia limitada a medidas de policia e de segurança publica; que, por tanto, devem garantir o livre exercicio dos cultos, prevêr,

ou castigar tudo o que tender a tornar um culto exclusivo, do minador e perseguidor, taes como actos das communas em nome colectivo, dotações, taxas forçadas, etc, decreta:

Art. 1.º—Toda a reunião de cidadãos para o exercicio d'um culto qualquer é submettida á vigilancia das auctoridades constituídas. Esta vigilancia limita-se a medidas de policia e de segurança publica.

Art. 5.º—Todo o ministro de culto faz esta declaração preliminar perante a municipalidade:

«*Reconheço que a universalidade dos cidadãos é soberana e prometto submissão e obediencia ás leis da Republica.*»

Todo o maire, que receber uma declaração, contendo mais ou menos, será condemnado a 500 libras de multa e de tres mezos a um anno de prisão. A mesma pena para o padre contraventor, com dez annos de trabalhos forçados em caso de reincidencia. Simple de grado no caso de retractação.

Art. 9.º—As communas, ou seções de communas, não poderão em nome colectivo adquirir ou alugar local para o exercicio dos cultos.

Art. 10.º—Não pôde haver dotação perpetua ou vitalicia, nem taxa para as despesas do culto ou habitação dos sacerdotes.

Art. 11.º—Todos os actos, contractos, deliberações, etc, realisadas contra as disposições dos artigos precedentes, serão nullas e de nenhum effeito. Os funcionarios publicos, que as assignarem, serão condemnados a 500 libras de multa, e a prisão, nem por menos d'um mez, nem por mais de seis.

Os artigos 13 a 19 prohibiam signaes exteriores nos templos ou nos logares publicos.

Os artigos 16 a 19 eram relativos aos logares e recintos onde as ceremonias dos cultos não podiam ter logar.

Os artigos 20 e 21 referiam-se ao estado civil.

Os artigos 22 a 26 tratavam dos delictos por abuso do exercicio do culto.

O artigo 22 prohibia lêr, afixar, distribuir todo o manifesto do papa, sob pena de seis mezes de prisão.

O artigo 25 prohibia perturbar o uso commum dos edificios religiosos regulado em harmonia com o art. 4.º da lei do 11 prairial.

Os artigos 26 a 32 regulavam a competencia, o processo e as multas.

Eis a verdadeira legislação republicana sobre a separação da Igreja do Estado.

Depois d'esse decreto do 7 vendémiaire anno IV, ainda ha a notar uma determinação do 7 nivose anno VIII (28 de dezembro de 1799), uma circular do ministro da policia do 22 nivose anno VIII (12 de janeiro de 1800), e outra determinação do 2 pluviôse anno VIII (22 de janeiro de 1800). Mas além da pequena importancia d'estas resoluções ministeriaes, que se limitam a repetir, confirmar, aclarar, pontos já conhecidos da lei, o espirito do Consulado paira já em toda a França, em vez do espirito republicano que se estava a extinguir.

O que resultou d'aquellas leis de caracter puramente revolucio-

nario? Resultou a ruina da democracia?

O triumpho da Igreja? Resultou a guerra religiosa?

Ou, pelo contrario, teria sido o poder civil mais forte, mais respeitado, mais acatado por todas as seitas, por todos os cultos, do que nunca?

E' o que veremos no proximo artigo.

E repetimos as palavras com que terminamos o artigo ultimo: Apprendam aqui os que são capazes de aprender.

### AGRADECIMENTO

Os proprietarios do *Commercio do Porto*, reconhecendo a impossibilidade de agradecer directa e pessoalmente a todos os seus collegas da imprensa, ás corporações e pessoas que os cumprimentaram por motivo do quinquagenario da fundação do *Commercio do Porto*, servem-se d'este meio para tributar publicamente a todos o mais profundo reconhecimento.

Porto, 4 de junho de 1904.

Francisco Carqueja  
Bento Carqueja.

### ELEIÇÕES

O *Povo de Aveiro* ainda até hoje não disse uma palavra sobre a intervenção, ou não intervenção, dos republicanos no acto eleitoral. D'estes, uns entendem que se deve ir á urna no proximo dia 26. Outros entendem o contrario. Não nos pronunciamos a tal respeito. Mas o que entende a maioria? O que resolve? Isso é que é bom apurar-se quanto antes. Ainda existe directorio do partido republicano? Ignoramos.

Se a maioria do partido republicano resolve ir á urna, talvez seja conveniente que todos os republicanos acompanhem essa resolução. Do mal o menos. A votação dos republicanos não ha de ser de espantar, ainda que todos vão á urna. Se metade d'elles ficam em casa, peor. Talvez fosse mais prudente e mais habil, n'este instante, com a lei eleitoral e os recenseamentos em vigor, e com a desorganização do partido republicano que, afinal, é cada vez mais profunda, não ir á urna. Mas se resolveu ir, então melhor será que vão todos, votando nos nomes que superiormente forem designados.

Parece-nos isto conveniente, e, pela nossa parte, assim o aconsellamos.

D'outra fórmula, o desastre é completo.

### Julgamento importante

Acaba de ser condemnado em 8 annos de prisão maior celllular, seguidos de 20 de de grado em possessão de 2.ª classe, com 10 annos de prisão no logar do de grado e na pena accessoria de exautoração militar, o reu Manuel Antonio de Deus, 1.º cabo da guarda municipal, que ha pouco em Lisboa assassinou com tiros de espingarda, o capitão Baptista e o alferes Ribeiro.

A exautoração realisa-se no dia 20 do corrente.

## O analphabetismo

### EXERCITO

No dia 8 do corrente ainda foram a exame de 1.º cabo, em infantaria 23, mais quatro soldados, ficando todos approvados, e um d'elles approvado com distincção. O que foi approvado com distincção não frequentou nem a escola regimental, nem os cursos professados nas companhias. Ao alistar-se no exercito já tinha o 6.º anno dos lyceus.

Os tres approvados simplesmente foram habilitados pela 1.ª companhia do 3.º batalhão. Um dos tres era analphabeto quando se incorporou no regimento.

Portanto, foram approvados, ao todo, este anno, n'aquelle regimento, 48 soldados.

Nenhum regimento em Portugal conseguiu, sem duvida, resultado identico, devido ao ensino por companhias, apezar de toda a má vontade com que esse ensino é recebido pela grande maioria do exercito.

Vimos, no artigo anterior, que a *Revista de Infantaria*, interpretando essa má vontade, escrevia que era uma vergonha que se tornasse necessario ensinar o A B C no exercito. Respondemos aqui que seria uma vergonha para Portugal, mas que o não era nem para a Alemanha, nem para a Italia, nem para a França, nem para nenhum outro paiz culto. E prometiamos dizer, a esse respeito, mais alguma coisa, o que vamos fazer hoje.

Não era uma vergonha para a grande nação allemã, porque ali, como o capitão Homem Christo demonstrou em cartas dirigidas ás *Novidades* e ao *Diario*, o ensino aos analphabetos tornou-se obrigatorio em todas as companhias do exercito. Com effeito, no seu bello livro *Lettres Sur l'Infanterie*, (edição franceza) escreve o principe Kraft de Hohenlohe-Ingelfin:

«Esta instrucção theorica (dada nas casernas) não comprehende unicamente o que é militar. Esinam-se aos homens muitas coisas que lhe hão de servir de auxilio na vida civil e o pequeno numero de recrutas que chegam analphabetos aprendem a lêr, escrever durante o tempo de serviço. Ha mesmo alguns que, durante os annos que passam no exercito, aprendem mais do que aprenderam durante o tempo que passaram na escola. Lembro-me de que, sendo tenente, ensinei um joven soldado, muito intelligente, mas sem conhecimentos alguns litterarios e scientificos. Ensinou a lêr, escrever e contar; conseguiu ser official inferior e mais tarde foi um excelente official da administração militar.»

Aqui temos, pois, a Alemanha, onde não só não é vergonha o exercito ir em auxilio da escola de instrucção primaria, como onde um marechal do exercito, um ajudante de campo do primeiro imperador, não tinha vergonha de confessar que exercera, sendo tenente, as honradas e honrosas funcções de mestre-escola. Antes mostrava ter n'isso um verdadeiro e bem legitimo orgulho.

E' que a Alemanha é uma nação de homens e Portugal é uma nação de pygmetus.

A Alemanha comprehendeu, e muito bem, que o que era preciso era extinguir o analphabetismo. Isso é que importava. Não chegava para tanto a escola de instrucção primaria, apezar do paiz estar coberto d'ellas? Ia o exercito em auxilio do mestre-escola. E sentia-se

por isso diminuído, ou amesquinha-  
do, o official? Não. Pelo contrario.  
Santia-se, como se vê da transcri-  
ção que fizemos, engrandecido e  
honrado.

Quasi o mesmo se pôde dizer da  
França, apesar dos seus habitos de  
ociosidade e de vicio, que, aliás,  
nem de perto nem de longe, ainda  
assim, se podem comparar aos nos-  
sos, que estão abaixo de tudo.

No seu livro, tambem magnifico,  
*L'Instruction de l'Armée Française*,  
diz o general Jourdy:

«Contar hoje com as escolas primá-  
rias, ou mesmo secundarias, é conhecer  
muito pouco os nossos homens e o nos-  
so tempo: não será tão cedo que a ca-  
serna receberá manchetes imbuídos dos  
sentimentos adequados ao dever que a  
lei lhes impõe. A Escola, com effeito,  
não pôde ainda, apesar da lei sobre a  
instrução obrigatoria de 1872, chegar a  
fazer desaparecer o stock irreductivel  
dos analfabetos, que, n'uma região  
média, subsiste na razão de 5 por 100,  
(e acha elle muito!) devido á ausencia  
de cursos, apesar da lei, stock ao qual  
devenos ajuntar os meios analfabetos,  
isto é aquellos que, entre os 15 e 20 an-  
nos, esqueceram o que a escola lhes en-  
sinou, e esta categoria pôde-se bem  
contar em média por outros 5 por 100.  
A Liga do ensino, creada por esse ex-  
cellente João Macé, consagrou-se á em-  
presa da instrução dos adultos, mas a  
tarefa está em desproporção com os  
meios d'acção disponíveis, porque é de  
10 por 100 ainda o contingente dos jo-  
vens soldados que chegam ás fileiras.  
Se isso acontece com a instrução das  
primeiras letras, que dizer da educação  
moral, bem mais difficil? Em quantos  
anos conseguiremos egualar o ensino  
cívico dos gymnasios da Suissa e o en-  
sino patriótico das universidades alle-  
mãs? Antes de lá chegarmos, terá a  
França tempo de se desfazer. Além d'isso  
não ha quadros de professores que  
valham nunca esse ensino delicado, me-  
tade Escola, metade Família, dos nos-  
sos officiaes, que estão em contacto in-  
cessante com os soldados, e que pos-  
suem quasi todos diplomas universita-  
rios já d'algum valor, com a sanção de  
um concurso de certa difficuldade.»

Como se vê, este tambem não  
acha vergonha o ensino da caserna,  
antes o acha indispensavel como  
complemento e correctivo do ensino  
da escola. E é bem recente o seu  
livro. E' de 1903.

N'outro livro tambem recente,  
*La Conscience Nationale*, diz o con-  
ceituado escriptor Henry Berenger:

«Se o official quer ser um bom edu-  
cador social, é preciso, antes de tudo,  
que se ponha em contacto com o soldado.  
Não basta, ainda que isso seja indispen-  
savel, velar pelas multipas questões do  
bem estar material (dormitorio, refeito-  
rio, marchas, etc.). Assim que o recruta  
chega ao corpo, deve examina-lo, indi-  
vidualmente, sob o ponto de vista moral;  
inquirir, com uma benevolencia discreta,  
das suas origens, da sua familia, da  
sua educação; experimentar conhecer o  
seu caracter; dar-lhe, desde logo, a im-  
pressão de que não está completamente  
isolado na caserna. Deve aproveitar o  
descanso, os actos, os ocios da caserna,  
para interrogar, reconfortar, excitar sen-  
sibilidades nostalgicas. Procederá de  
modo que os homens se sintam envolvi-  
dos por uma auctoridade forte e paternal.  
Aos analfabetos fará dar uma lição no-  
cturna pelo sargento; aos que tiverem  
alguma instrução dará elle proprio en-  
sino de conferencias ou leitura; aos uni-  
versitarios, aos seminaristas, aos estu-  
dantes de qualquer cathedra, indicará  
temas de estudo confiando-lhes mes-  
mo, algumas vezes, a direcção de pa-  
lestras sobre sciencia ou moral... A  
maior parte d'estas idéas são populares  
no corpo dos jovens officiaes. Tem co-  
meçado, mesmo, a ser applicadas em  
muitas guarnições. Em Saint Germain,  
em Versailles, em Lille, em Provins, em  
Reunes, etc., conferencias, leituras, cur-  
sos d'analfabetos, tem approximado,  
espontaneamente e fóra do serviço, o  
official, o sargento e o soldado. E eu co-  
nheço uma grande quantidade de tenen-  
tes e de capitães que querem ser profis-  
sionaes e educadores ao mesmo tempo.»

Isto em França.  
Em Italia, como veremos, suc-  
cede a mesma coisa. Só em Portu-  
gal é uma vergonha ensinar o A B  
C na caserna.

E isto diz-se com admiravel  
desdem!

*Ditosa patria que taes filhos tem.*

### Melhoramentos

A camara municipal de Ilhavo  
mandou substituir a calçada da es-  
trada d'aquella localidade para a  
Costa Nova, a macadam.

Pena é que os trabalhos prosigam  
tão morosamente e que se  
chegue á epocha dos banhos sem  
estarem concluidos.

Lembramos áquella digna vereação  
a conveniencia de dar maior  
desenvolvimento áquelles trabalhos.

## REPUBLICANOS

Em carta muito curiosa per-  
gunta-nos *Um assignante* se já  
vimos reaparecer na *Voz Publi-  
ca* o celebre *chefre republicano*  
Cunha e Costa.

Não, que a *Voz Publica* é jornal  
que não lêmos nunca.

Mas registamos. Ficamos sabendo,  
pela declaração de *Um assignante*,  
que Cunha e Costa appareceu na *Voz Publica*  
a escrever chronicas politicas com o  
pseudonymo *Pangloss*, chronicas  
theatraes com o pseudonymo *Farfalla*,  
e que ultimamente tirou a mascara  
assignando *Cunha e Costa*.

Não se admire o assignante.  
Estão voltando por todo o paiz,  
*á vida activa do partido republ-  
icano*, varios Cunhas e Costas.

Cunha e Costa foi redactor  
d'um jornal monarchico em S.  
Paulo, consul de S. M. em Santos,  
fez discursos no Rio de Janeiro  
declarando-se *desiludido da politica e dos homens*,  
e foi em Portugal *tudo o que se sabe*.  
Agora é *chefre*, novamente, do parti-  
do republicano.

Pois não é elle só. Ha outros  
que foram republicanos, depois  
monarchicos e agora *republicanos  
outra vez*. Declarando sempre, é  
claro, que *nunca foram senão re-  
publicanos*.

Tratantes e traidores somos  
nós, e outros como nós.

Pergunta-nos tambem *Um assignante*  
se nós sabemos que metade dos de  
Lisboa estão d'um lado e outra metade do  
outro, que metade dos do Porto estão  
d'um lado e outra metade do outro,  
que os da *Maçonica* querem  
uma coisa e os que não são da  
*Maçonica* querem outra, etc.

Tanto não sabemos. Mas to-  
mamos nota e falaremos depois  
das eleições. Por enquanto não,  
para que se não diga que quere-  
mos perturbar o acto eleitoral.

Deixemos tudo em paz até es-  
se tempo. Depois é possivel que  
valha a pena tratar o assumpto.

### Chalupa «Julia»

Este navio de vella que ha pro-  
ximo de quinze dias sahiu de Ce-  
zimbra, com destino a esta cidade,  
e com carregamento de peixe, não  
se sabem noticias d'elle, pelo que  
ha bastante consternação em algu-  
mas familias da Gafanha e Ilhavo,  
que trazem pessoas a bordo.

Este anno tem sido fertil em  
sobresaltos com marinheiros d'aquí  
e de Ilhavo, por causa das demoras  
nas derrotas, o que occasiona, co-  
mo é bom de vêr, bastantes lagri-  
mas ás familias d'aquelles que, pa-  
ra angariarem o pão quotidiano,  
têm de se sujeitar a uma vida pe-  
rigosissima e trabalhosa.

Mas a bôcca é que não tem fia-  
dor, como diz o nosso povo.

A' hora em que o nosso jornal  
vae entrar no prélo recebemos a  
grata noticia da chalupa ter entra-  
do em Leixões.

### TOURADA

Parte hoje d'aquí muita gente  
para assistir á tourada que se  
realisa na Serra do Pilar, em que  
tomam parte os dois melhores  
«espadas» hespanhoes, Fuentes  
e Mazzantini, bem como quatro  
dos nossos melhores cavalleiros.

Os principaes bandarilheiros  
tambem se acham contrata-  
dos para esta extraordinaria  
corrida.

## RUSSIA E JAPÃO

Está acontecendo precisamen-  
te o que nas *Cartas d'Algures*  
aqui dissémos. O Japão será ven-  
cido pelo numero. Não o será pe-  
la intelligencia, nem pela instru-  
ção. Por este lado triumphará.  
Por este lado triumphará.

Virá a Russia a adquirir van-  
tagens? Talvez.

Mas quando a differença dos  
effectivos não seja consideravel,  
exercito instruido vence sempre  
um exercito ignorante.

Isto está demonstrado, eviden-  
ciado, provado.

E já é muito.

A força bruta não vence a in-  
telligencia, senão em notavel des-  
egualdade numerica.

Se a Russia conseguir reunir  
grandes exercitos, poderá ven-  
cer o Japão. Antes d'isso, não.

Portugal, como todos os paí-  
zes ignorantes, é um paiz de con-  
clusões immediatas e faceis. Já  
toda a gente concluiu a derrota  
definitiva da Russia.

Ainda é cedo. Poderá ser que  
sim. Mas tambem poderá ser que  
não.

O que por enquanto está pro-  
vado é que o poder da instrucção  
é de tal ordem, que o Japão, sa-  
hido hontem da barbarie, já se  
adentou a varias nações da Eu-  
ropa, que têm descurado com-  
pletamente a instrucção.

Contentemo-nos com isto por  
ora, que já não é pouco.

### Musica no jardim

O programma que a banda do 24  
toça hoje, das 7 ás 9 da noite, no  
jardim publico, é o seguinte:

Ordinario. «*Vesperas Sicilianas*»  
quatro estações da opera (Verdi).  
Fantasia da opera «*Rigoletto*» (Ver-  
di) «*Lobos Marinos*», zarzuella (Cha-  
pi). «*Episodios internacionaes*» (Mo-  
raes).

### Guerra indecorosa

Sob este titulo publica o nosso  
prezado collega «*O Debate*», o  
seguinte:

«Sabemos que alguns industriaes  
de typographia, pretendendo des-  
ferrar-se dos amargos de bôcca que  
tiveram com a recente grêve typo-  
grafica, vão ao excesso, no intuito  
de prejudicar a vida da associação  
de classe dos graphicos, de prohibir  
que o cobrador da referida asso-  
ciação vá receber as quotas ás  
officinas.

Poderão dizer que as referidas  
quotas podem ser recebidas no do-  
micilio.

E' facil de vêr que não podem.

A associação tem hoje uns oit-  
centos socios disseminados pelas  
diversas casas de Lisboa. Os unicos  
dias em que poderão ser encontra-  
dos em casa são os domingos, e  
ainda assim, sabe-se que ha casas  
em que se trabalha meio dia. N'estas  
condições, não haverá tempo  
para a cobrança, desde que esta não  
seja permittida nas officinas.

A irracional da prohibição—  
não ser que os industriaes venham  
confessar que o que querem é a  
morte d'uma associação susceptivel  
de lhes causar peza dellos—é obvia,  
desde que nem ao menos pôde alle-  
gar-se que a cobrança assim effe-  
ctuada faça perder tempo a cada  
um dos typographos.

Receber o recibo da quota, pa-  
gar e receber o troco, quando troco  
haja a receber, não é coisa sequer  
que leve dois minutos.

O pretexto seria, pois, futil.

Mas não: o intuito mesquinho  
vé-se em demasia. Não são possi-  
veis as illusões...»

### CARTAS D'ALGURES

Não recebemos esta semana  
carta do nosso correspondente.

## A banda da Vista Alegre

Sobre o festival que se reali-  
sou domingo passado no Palacio  
de Chrystal, do Porto, e em que  
tomou parte a excellente banda  
da fabrica de louça da Vista  
Alegre, o nosso collega *O Com-  
mercio do Porto* descreve assim a  
maneira por que ella alli foi  
apaecciada:

No festival que na tarde e noite de  
domingo ultimo se effectou na grande  
avenida do Palacio de Crystal, em que  
não teve alteração o programma publi-  
cado, foi indubitavelmente a banda de  
musica da fabrica de louça da Vista  
Alegre que prendeu a attenção dos mu-  
ltos espectadores que alli affluiram, prin-  
cipalmente á noite.

Numerosissima e completa, — pois  
conta 50 figuras e tem rabeção, violon-  
cello, timbales, etc.—apresenta-se tão  
modestamente, quanto a sua execução é  
distinta e correctissima.

O publico ouviu com manifesto agra-  
do todas as peças do escolhido repor-  
torio da banda da Vista Alegre.

Folgámos em vêr a aprecia-  
ção, que é justa, pois na verda-  
de a banda da Vista Alegre é  
uma das melhores do districto.

### Sal novo

Esta semana já se fez algum,  
e se não fossem os ultimos dias  
chuvosos que vieram tolher o  
andamento da sua fabricação,  
quasi todas as marinhas se en-  
contravam já «botadas».

### Corridas de bycicletas

Promovidas pelo «*Real Velo-Club*  
do Porto, realisaram-se no domingo  
passado, na cidade invicta, corridas  
de resistencia n'um percurso de 22  
kilometros, ganhando o 1.º premio  
de 30:000 réis o sr. Manuel Ferrei-  
ra Canha, e o 2.º de 15:000 réis, o  
sr. Antonio da Cruz, o 4.º de 5:000  
réis, o sr. Antonio da Cruz Pericão,  
todos d'esta cidade.

As machinas que ganharam os  
1.º e 2.º premios, eram da marca  
«*Triumph*», de que são depositarios  
n'esta cidade os srs. Trindade &  
Filhos.

### Feira de Março

Era de toda a conveniencia  
que a futura Feira de Março já  
fosse feita no ilhote do Côjo.

Agora que estamos no melhor  
das quadras para se iniciarem  
esses trabalhos, lembravamos a  
vantagem de se lhe dar começo.

E' uma barbaridade para  
os pobres feirantes continuar a  
feira no Campo do Rocio por  
mais tempo, pois que, além do  
sítio ser uma infernal fabrica de  
constipações e pneumonias, é ter-  
rivel para todas as mercadorias  
que os feirantes alli expõem.

### Um caso engraçado

Acaba de succeder em Guimarães um  
caso pittoresco, que não deixa de ter  
graça pela maneira como se deu.

Trata-se d'um rapaz dos seus 20 an-  
nos, louro, pequeno bigode, rosto alvo,  
e que exerce o mister de seleiro, com  
officina á rua de S. Damaso, e de uma  
creada de servir, natural da villa de Fa-  
fe, e que estava em casa de um droguita  
e visinho, porta com porta, do rapaz.

Com quanto ella tinha os seus 28 an-  
nos de idade, pouco mais ou menos, é  
muito gentil, muito appetitosa, pelo que  
o rapaz entrou a fazer-lhe pé d'alferes:  
— Gosto tanto de si, fulaninha! — dizia  
elle.

— E eu tambem gosto tanto de si, fu-  
laninho! — dizia ella.

— Vamos nós para uma pandega?

— Ai! quem dera!

— Valeu?

— Valeu!

— Pois bem: será esta noite...

O sol principia a desaparecer no  
horizonte, os sinos da cidade tocam as  
Ave-Marias e na rua de S. Damaso ve-  
lhas curiosas e bisbilhotetas, quedam a  
rezar e a murmurar das vidas alheias.

— Olha—diz uma — a delambida da  
creada do M. que se metteu agora para  
casa do seleiro!...

— E' verdade, é verdade! E vá lá a  
gente fiar-se n'estas sonsas.

— Que pouca vergonha! ó visinha!  
No meu tempo, se tal fizesse, punham,  
me ahí pela rua da anargura...

— Não lhe dê cuidado, sr.ª Thereza,  
que eu «amanho-os...» Vou dizer ao  
meu «home» e verá o escandalo que isto  
vae dar. Aquella delambida não a ha-  
de pregar assim nas meninas d'estes olhos  
que a terra ha-de comer. Lá isso é que  
não!

A boa da velhota levanta-se, entra em  
casa e d'ahi a cinco minutos outras mu-  
lheres commentam o caso e não tiram  
os olhos da casa do seleiro, á espera  
que a rapariga saia para a rua.

O tempo, porém, vae passando e com  
elle as horas, mas de sentinella á casa  
ficam alguns curiosos. Dá meia noite, dá  
uma hora, duas, quatro, cinco da manhã,  
já dia claro e a porta do seleiro sem se  
abrir.

Seis horas! A uma janella por detraz  
dos vidros, assoma o rosto pallido do rap-  
az, que depressa se esconde dos olha-  
res dos muitos curiosos que esperavam  
cá fóra a sahida da cachopa.

— Estamos descobertos! — diz o rap-  
az para a rapariga!

— Descobertos! ?...

— Sim: descobertos e bem descober-  
tos! A visinhança está lá fóra á espera  
de te vêr sahir.

— Jesus! Estou perdida e desgraçada!  
Meu Deus! Que fazer agora?

— Ah! uma feliz ideia: entras alli pa-  
ra aquella mala, chamo um amigo e uma  
vez a mala em casa do funileiro alli de-  
frente, saes para a rua.

Resolvido.

Abre o rapaz uma grande mala que  
tinha lá para vender, prega com a rapa-  
rigo dentro d'ella, chama uma amiga e  
pede-lhe o seu auxilio para a transportar  
para a casa do visinho.

Mas as visinhas, que anciavam por  
assistir ao desfecho, vendo sanir a mala  
da casa do seleiro e desconfiando que  
dentro ia a cachopa, depressa se apre-  
sentaram em casa do funileiro.

A posição da moça, da mala, não era  
das mais commodas e d'ahi quando a  
respiração ja lhe ia a faltar, resolveu-se  
a saltar cá para fóra, com grande gaudio  
de todos os curiosos que muito riram da  
cara e da atrapalhação dos dois anantes.

### Os campos

Se o tempo continuar favore-  
cido como até aqui, temos este  
anno, na nossa região, uma gran-  
de abundancia de vinho, milho,  
feijão e trigo.

### A nossa cartela

Seguiu na quarta-fira para Entre-os-  
Rios, affim de acompanhar sua esposa e  
filhas que alli vão fazer uso d'aquellas  
afamadas aguas, o illustre presidente do  
nosso municipio, sr. Gustavo Ferreira  
Pinto Basto.

Sua ex.ª regressou a esta cidade no  
dia seguinte.

Parte por estes dias para o Valle da  
Mó, a familia do sr. Guilherme Augusto  
Pinto.

A fazer uso das aguas de Melgaço,  
partiu sexta-feira para alli, o sr. José  
Maria Pereira do Couto Brandão, digno  
official da secretaria do governo civil.

A fim de representar a «*Luz do Com-  
mercio*» e os caixeiros do Porto, na ex-  
cursão que realisam ás Caldas da Rai-  
nha e cuidar da propaganda das obras  
da bibliotheca popular, seguiu para Lis-  
boa, na quarta-feira, o nosso prestante  
correligionario, sr. Antonio Augusto Ba-  
ptista Junior, activo empregado do com-  
mercio do Porto.

Partiram no dia 9 para a sua quinta  
de Carnaxide, ps srs. viscondes do mes-  
mo nome.

Tem estado em Aveiro, o sr. dr. Joa-  
quim Rodrigues d'Almeida, digno advo-  
gado, residente em Ancas.

Seguiu para Braga com sua familia, o  
sr. dr. João Feyo Soares d Azevedo, se-  
cretario geral d'este districto.

Tambem partiu para Braga o nosso  
amigo e correligionario, sr. José Ferrei-  
ra Gonçalves, acreditado negociante do  
Porto.

Com sua familia partiu para a sua  
quinta do Sol, Valbon, o sr. José Alves  
da Silva Cruz, abastado capitalista, do  
Porto.

Em viagem de recreio, seguiu ante-  
hontem para o Algarve e sul de Hespaa-  
ha, o sr. conselheiro Abel d'Andrade.

Tem estado bastante doente, a sr.ª  
D. Maria Maxima de Moraes Machado,  
esposa do sr. Manuel Anthero Baptista  
Machado.

Fizeram exame, ficando plenamente  
aprovados, os srs. João Pedro Ferreira  
Junior e Jayme dos Santos Patto. Os  
nossos parabens.

Partiram para a Felgueira, a fazer  
uso d'aquellas aguas, as ex.ªs sr.ªs D.  
Adelaide Pereira do Couto Brandão e D.  
Maria Pereira do Couto Brandão.

### «POVO DE AVEIRO»

Em Lisboa, vende-se na  
tabacaria Monaco.

# A GUERRA

## Acto heroico d'uma banda regimental

Na primeira e importante batalha campal ferida entre russos e japonezes, e o Ka-Lien-Tse, entre outros episodios mais ou menos heroicos como se dão em todas as batalhas, avulta pela sua simplicidade épica, o rasgo de bravura e sangue frio da banda de um dos regimentos de infantaria russa.

O duello entre a artilheria dos dois adversarios durou desde a véspera com pequenas interrupções. Era preciso fazer calar as baterias russas para que a infantaria japoneza podesse avançar.

Os músicos d'infanteria do Mikado acobertados por uma prego de terreno esperavam a ordem de avançar.

Na corda de collina, uma bateria russa espreitava a aparição dos japonezes. Apenas um Kapi se descobria, um dos canhões enviava-lhe um projectil que sibillando, perfurava os ares no seu movimento de parafuso e ia levantar uma nuvem de terra e fragmentos de rocha que formavam um turbilhão fumarento elevando-se repentinamente do solo como um pequenino vulcão que de repente explodisse.

Ao abrigo da columna, um regimento de infantaria de reserva, esperava a occasião de entrar em fogo.

Os projectos da artilheria japoneza passando além da collina esvoejavam sobre as cabeças, pondo um arrepio ao longo da espinha dos soldados e officiaes que immobilizados n'uma espera que lhes parecia eterna, não tinham o lenitivo do movimento para esquecer o horror da situação.

As vezes uma bomba vinha reventar proximo das fileira e os estilhaços rasgando os ventres e os peitos faziam cahir quatro e cinco homens, em posições estragantes.

Elles cahiam de bruços, como que mordendo a terra para saciar n'ella o desejo insatisfeito de vingar-se no japonês; outros cahiam de costas, a bocca aberta n'um grito de horror, escancerando-se-lhe como se atirassem para o ceu uma gargalhada surda de ebrio, ou uma phrase praguejante contra o destino. Os olhos fitavam-se no espaço como que vendo subir a alma que se desprendera do corpo.

A terra empapava-se de sangue. Os maqueiros vinham buscar os que cahiam e levavam n'os para a sombra d'umas arvores, onde um cirurgião verificava se tinha occasião de utilizar os seus serviços.

Os mortos ficavam estendidos; os feridos encostavam-n'os a pequenos montões que lhes serviam de cabeceira. Era necessario não confundir.

Começava a sentir-se um certo cheiro a açougue!

Um estilhaço de bomba derrubou o cavallo de um official, que não teve tempo para safar a perna e ficou entalado sob a sua montada.

O cavallo relinchava de dôr, levantando o focinho, arreganhando os labios grossos que punham a descoberto a dentadura longa e amarellada, como se sorrisse a uma visão de campina alegre, de prados verdejantes por onde cabriolassem eguas amorosas. Estirou os membros n'uma convul-

são derradeira que libertou a perna do official. Os olhos azularam-se n'uma nevoa baça e o choupo pendeu-lhe para a terra, vendo-se-lhe por entre os dentes a lingua, que pendia como um farrapo ensanguentado.

Entretanto cessára o trovão da artilheria. O ruido estridente da fuzilaria sacudia o ar, dando a impressão de que estavam rasgando enormes peças de panno.

Um ajudante de ordens appareceu a todo o galope. Fez uma continencia e disse algumas palavras ao coronel. Seguiu-se-lhe um toque de corneta, que abalou aquella massa de homens até alli immovel.

O ajudante desaparecera, fazendo um largo gesto de continencia á bandeira, que se erguera.

Um fremito de satisfação animou todos os rostos. Iam enfim mexer-se, matar. Já não era a morte a pé firme, inutil e ridicula; era a morte matando.

Em columnas de pelotões, o regimento torneou a collina.

Na rectaguarda, a banda, composta de trinta e duas figuras, tocava uma marcha entusiastica. As mãos, inconscientemente, apalpavam as fecharias das armas. Sem que fosse preciso dar ordem alguma, as cartuchearas appareciam todas á frente dos homens. Desembocaram enfim na planura. Na sua frente negrejava uma extensa linha de homens, palletada de prata pelo sol que incidia nos canos das armas e fazia refluir as bayonetas.

Uma descarga abalou os ares com o seu ruido de panno que se rasga. Umas dezenas de homens caliram para nunca mais se levantarem. A banda continuava a insufflar o animo nos soldados com a sua marcha entusiastica. Uma descarga dos russos recebeu á descarga com que foram recebidos; e outra, e outra, e outra, até que os depositos das armas se acharam esgotados.

Foi preciso tornar a carregar. A musica continuava a sua marcha estridente e entusiastica. Alguns músicos tinham já cahido, abandonando o instrumento no meio de uma nota que não acabavam de dar.

As descargas dos japonezes continuavam a fazer claros nas fileiras do regimento russo. Soldados e músicos cahiam como folhas de arvores sob o chumbo do caçador.

Das trinta e duas figuras da musica restavam só nove. Mas nem por isso a banda deixava de tocar.

Já não era marcha o que se ouvia; eram como que brados de odio, gritos de vingança, soluços de saudade, adeuses pesarosos a mães, a filhas, a esposas, ao sol, ás flores, á vida enfim.

Uma outra descarga veio abater mais dois músicos; eram só sete.

Mas a banda não deixava de tocar. De repente n'um movimento espontaneo, os sete músicos atiraram para longe os instrumentos e pegaram em espingardas. Não havia tempo para escolher. As que estavam mais perto eram as melhores.

Carregaram as e entraram na fileira. Enquanto disparavam como soldados, como músicos entoavam o hymno nacional russo.

E o ultimo que cahiu antes de soltar o derradeiro suspiro gritou ainda: Viva a Russia!

O padre ergue-se de repellão, travou das filhas, arrancando-as aos braços do hebreu, e exclamou:

— Que maldição traz consigo este homem!... Quer perder me as minhas filhas!... Ha infernal predestinação na sua mensagem ao seio da minha familia, homem da horrivel fatalidade!

**XIX**  
**O velho da ermida**

Em uma aldeia, chamada Verdemilho, a tres kilometros d'Aveiro, vivia em 1738 um ancião, reputado justo porque á volta da sua casa, colmada e desguarnecida da mais trivial mediana, se ajuntavam os pobres da freguezia, em dias determinados, e recebiam esmolas que lhes bastavam á alimentação parca da semana. Chamavam ao incognito o «velho da ermida» porque, ao lado da choupana d'elle, estava uma capella. Os pobres, favorecidos d'este homem, paravam ao cair da tarde nas visinhanças da

## Publicações a pedido

### O BRUXO DO PORTO

Alguns jornaes da localidade e correspondentes de jornaes de fóra, tem-se entretido a debicar com o pobre bruxo do Porto e a pedir a sua immediata expulsão d'aqui.

Pois não tem a razão para tal. O bruxo do Porto tem direito a governar a vidinha como qualquer bruxo ou bruxa da localidade. Paga por ventura o bruxedo de Aveiro imposto á fazenda nacional pela industria que exerce? Não. Pois o bruxo do Porto não o paga tambem, apesar de não trazer colleira nem te taboleta á porta, como ordinariamente faz muita gente boa, mas em compensação gratifica bem quem o defende e quem lhe permite as suas habilidosas e apreciadas práticas.

Vá, senhores, deixem o homeminho na paz do Senhor e não o mettam em grelhas por que estas se podem transformar em settas para vós, pelo poder e magia de S. Cypriano, advogado magno da bruxaria universal.

Não façam pois guerra ao homem, por que com isso vão fazer rir de prazer o nosso amado menino *bento* e a nossa amada Clara do Maio, celeberrimos e apreciados caudilhos na arte, sem que com isso ninguém se importe. E é naturalmente por o bruxo do Porto se apresentar ali com cara deslavada, queremos dizer, com cara de propheta salvador, fazendo concorrência farta, mas leal, á bruxaria indigena, que aquelles se revoltam e lhes incommendam os sermões!

Pois nós é que não vamos n'essas aguas. O bruxo do Porto tem tanto direito á vida como a Clara do Maio e o menino *bento*. Tal qual. E deixem-no por uma vez.

Pede-vos isto

*Um devoto do bruxo do Porto.*

### Pesos e medidas

Termina no fim do corrente mez o praso para o afileamento de pesos e medidas, sendo multados todos aquelles que depois d'aquella data o não tiverem feito.

### Agua do Valle da Mo

Já se acha aberto ao publico o magnifico «Hotel-Chalet-Central», do Valle da Mo, de que é proprietaria e gerente a sr.<sup>a</sup> D. Anna de Jesus Santhiago, d'alli.

Encarecer o merito das aguas é demasiado superfluo pois o testemunho mais autentico das suas excellentes qualidades é dos seus beneficos efeitos obtem-se ali de todas as pessoas que d'ellas tem feito uso.

Aveiro e seus suburbios destaca sempre para alli um bom contingente de pessoas que, no geral, vêem encantadas não só pelas preciosidades das aguas como tambem pelo bom tempo que alli se passa na verdadeira epocha do verão.

Fica-lhes muito proxima a cele-

ermida, para o verem sentado no tezo de um oiteirinho, com os olhos enlavados no transmontar do sol; e, se o viam passar a mão por elles como quem enchuga lagrimas, diziam entre si: «Um homem que dá tanto aos pobres, e chora!...»

Em 1739 saiu elle caminho de Aveiro, pela primeira vez. Os pobres seguiram-n'o, e disseram-lhe:

— Não voltaes mais aqui, nosso benefitor?

— Voltarei, filhos. A' noite serei convosco.

E caminhava a pé, abordado n'um cajado que lhe dera um dos seus pobres.

Chegado a Aveiro, entrou na egreja de S. Bernardino, acantou-se no mais escuro d'ella, e assistiu aos responsorios da segunda filha de Braz Luiz de Abreu, a qual estava sobre a ega.

Sain, parou á porta do pae da defuncta, subiu, entrou á saleta em que elle recebia os pesames, apertou-o

bre e pittoresca matta do Bussaco e aonde, por vezes, se fazem excursões interessantes e agradaveis.

Apenas alli faltava casa em condições de receber gente limpa e pessoal habilitado para fornecer comidas em conformidade com o tratamento dos agnistas; mas hoje tudo está remediado com a abertura do novo «Hotel-Chalet-Central», que a todos satisfaz, pois reúne em si todas as boas condições para bem servir o publico.

Pena é que a municipalidade de Anadia não lance olhos de misericórdia para alli e mande fazer algumas reparações que a fonte precisa e que se estão tornando de grande e urgente necessidade.

Parece-nos bem que com isso nada perde e especialmente o commercio da localidade.

Se nos attenderem, muito teremos que lhe agradecer, embora isso acarrete mais um bocadinho de trabalho ao nosso amigo Anselmo.

E faz-lhe bem, para abater a gordura.

\*\*\*

Tambem em muito boas condições se acha já aberto o antigo «Hotel Popular» de que é agora proprietario e incansavel gerente o sr. Abel Gomes Santhiago, depositario do correio n'aquelle local.

Igualmente o recommendamos aos que para alli desejem ir.

### Companhia Lisbonense

Retirou d'esta cidade com destino a Villa Nova de Famalicão, esta companhia que, sob a direcção do actor Oliveira, aqui permanecia desde março.

### O planeta Venus

Venus, o mais brilhante de todos os planetas, é chamado inferior, por ter a sua orbita entre a terra e o centro commum.

Executa o seu movimento de rotação em torno do seu eixo, do occidente para o oriente, no espaço de 23 h. 21 m. 19 s., e o de traslação á roda do sol, em 224 d. 16 h. 49 m. 8 s. (o que constitue o seu anno), e dista do sol cerca de 25 milhões de leguas.

Sendo um planeta muito brilhante, o seu brilho varia com a variação do seu diametro apparente.

Este planeta tem sido visto, algumas vezes em pleno dia, a olhos desarmados, como aconteceu em 1717, 1750, 1849 e 1882.

A duração da appareição é de 3 a 4 horas por dia: pela manhã, no oriente (estrella d'alva) ou á tarde, no occidente (estrella da tarde, ou Vesper.)

Venus tem phases assim como Mercurio, porém phases mais sensiveis; e se o planeta não se acha em sua conjunção superior, apresenta-se-nos como um crescente, cujas pontas tem fórmulas variadissimas.

E' no seu primeiro quarto que o seu brilho é mais vivo, e nos parece vêr a propria lua brilhar no céo; no segundo quarto elle diminue, e quando Venus é cheia, perde quasi toda a sua luz; e então

nos braços e disse-lhe:

— Dá-me a vida das tres filhas que te restam, e vem tu com ellas.

O padre derramou copiosas lagrimas, e não respondeu.

Volto Francisco Luiz á sua cabana da ermida, e os pobres, ao quatro dia, confluíram das suas aldeias a dar-lhe as boas vindas.

Em 1740 fez o hebreu a mesma caminhada, entrou na mesma egreja onde se resavam responsos, na mesma saleta onde chorava um velho, e disse-lhe:

— Dá-me a vida das duas filhas que te restam, e vem tu com ellas. Rasga-lhe as mortallas, antes que o coveiro as esconda, e o sino dobre por ellas.

O padre chorou muito, inclinado ao peito do velho, e não respondeu.

Volto o caminhairo á sua cabana, e os pobres olharam-n'o com muita amargura, porque a sombra d'elle era como de arajo vindo da região dos sepulchros.

acha-se do outro lado do sol extremamente afastada da terra. Venus, da mesma forma que Mercurio, succede passar, em certas epochas, pelo solar, no qual apresenta um ponto negro.

A anciedade com que foi esperada essa passagem (6 de dezembro de 1882), não foi em nada inferior á de 8 de dezembro de 1874, em que os países mais cultos nomearam e estipendiaram commissões especiaes, como aconteceu ultimamente, para estudarem, nos pontos onde podia ser visível, a solução de mais esse importante problema, de muito interesse para os astrónomos.

Ainda que Venus tenha uma atmosfera gasosa comparavel á nossa; ainda que a sua superficie esteja, como a terra, coberta de montanhas; ainda que, finalmente, as suas manchas possam explicar-se pela existencia de mares e continentes; todavia, esse planeta differ do nosso globo pela grande inclinação de seu eixo de rotação sobre o plano da orbita, pela pequena excentricidade d'esta e pela sua maior proximidade do sol.

## ANNUNCIOS

### FABRICA DE MOAGEM

PARA os devidos effectos e nos termos do art. 6.º e seus §§ do decreto de 21 de outubro de 1863, se annuncia que a firma Christo, Rocha, Miranda & C.ª, requereu, na Administração do Concelho de Aveiro, licença para uma Fabrica de Moagem de milho e trigo, na rua dos Santos Martyres, freguezia da Gloria, d'esta cidade; á qual se addicionará o fabrico de massas alimenticias, descasque de arroz e serração de madeiras. Aveiro, 7 de junho de 1904.

*Christo, Rocha, Miranda & C.ª*

### PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 18600 a 36000 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Nuvia, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos. Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

Uma tarde, não longe d'aquelle dia em que se finára a quarta professa de S. Bernardino, appareceu em Verdemilho o padre Braz Luiz, atirou-se esbofado aos braços do hebreu, e disse-lhe:

— Dê-me as minhas filhas!

— Pede-m'as a mim? E' a Deus que as deve pedir... ao seu Deus, que resuscitou muitas...

— Não peço as mortas; quero as vivas.

— Que sei eu das vivas? Esperava que morresse uma para lhe ir pedir a ultima.

— Pois minhas filhas não estão aqui? exclamou Braz Luiz de Abreu.

— Aqui? Não vê que toda a minha casa é esta cabana?

— Meu Deus! bradou o padre.

— Que é de suas filhas? acudiu o hebreu.

— Fugiram! perderam-se!...

(Continúa.)

## FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

### O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XVIII

#### Catequeze

— Nunca mais. Estão mortas. Se as quer vivas, rasgue-lhes a mortalha, Braz Luiz!—exclamou elle abraçando-as todas contra o seio.—Dê-me estas meninas, deixe-me salvar-as, deixe-me fugir com ellas para o ar abençoado da liberdade! Eu prometto aviventar-lhes o coração, e depois estão salvas. Dê-m'as que eu ainda sou bastante rico para deixal-as ricas. E, se eu fosse pobre, dar-lhe ia a cada uma um amor para o coração resuscitado, um esteio para a alma, um companheiro para toda a vida!

**FABRICA DE CONSERVAS**  
EM  
**AVEIRO**

TENDO a commissão, para esse fim nomeada, emitido parecer favoravel á installação d'uma fabrica de conservas em Aveiro, por a julgar não só conveniente aos interesses da localidade, como vantajosa para os capitães n'ella empregados, deliberou-se na reunião preparatoria de hoje abrir a subscrição publica do capital de trinta contos de réis, indispensavel para dentro de alguns mezes apenas pôr a fabrica em laboração, sendo desde logo subscripta pelos cavalheiros presentes metade d'esta quantia.

Quem quizer pois concorrer para introduzir em Aveiro esta nova industria, de que tanto ha a esperar, encontrando no mesmo tempo uma collocação vantajosa para os dinheiros que tiver disponiveis, queira indicar o nome e a quantia com que deseja subscriver, não inferior a cincoenta mil réis, em qualquer dos estabelecimentos do sr. Jeronymo Baptista Coelho, no seu escriptorio da rua do Caes, do sr. Domingos José dos Santos Leite, na rua José Estevão, e dos srs. José Antunes d'Azevedo, Successores, na Praça do Commercio, onde lhes serão dados quaesquer esclarecimentos que pretendam ácerca d'esta empreza.

Aveiro, 29 de maio de 1904.

A commissão promotora,  
Domingos José dos Santos Leite  
Jacyntho Agapito Rebocho  
Jeronymo Baptista Coelho  
João Marques da Cunha  
Gustavo Ferreira Pinto Basto.

**EDITAL**

José Marques de Castilho, Director e Professor da Escola de Ensino Normal de Aveiro, etc.:

Faço saber que de 1 a 15 de junho proximo se recebem na Secretaria d'esta Escola os requerimentos dos Candidatos ao exame de Admissão á matricula no 1.º anno.

Os requerimentos dirigidos ao director da Escola, são escriptos e assignados pelos proprios e instruidos com os documentos seguintes: a) certidão de idade em que proveja que tem pelo menos 16 annos e não mais de 25; b) certidão de approvação no exame de Instrucção Primaria; c) attestado medico.

Em occasião opportuna será affixado no atrio da Escola o aviso marcando o dia e hora para a inspecção medica e para as provas do exame, em conformidade com os art. 204, 206 e 208 do Regulamento de 19 de setembro de 1902.

Secretaria da Escola de Ensino Normal de Aveiro, 30 de maio de 1904.

O DIRECTOR,  
José Marques de Castilho.

**Sapataria Marques d'Almeida & Irmão**

N'ESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encomenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedões se responsabilizam os annunciantes.

Egualmente garantem a todos a modicidade de preços.  
Ver para crer

**EMPRESA CERAMICA**

DA  
**FONTE NOVA**  
DE

**Mello Guimarães & Irmãos**  
**AVEIRO**

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

**Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.**

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do Matadouro Municipal de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote), tonelada réis 68:000, tripa larga 240 réis cada masso, tripa estreita 260 réis cada masso, couros todos os sabbados ao meio-dia, sebo, estrume, etc.

Rua da Boa Vista,  
3 Lisboa

José Monteiro Telles  
dos Santos J.



**DENTISTA MECANICO**

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.  
RUA DA COSTEIRA  
(Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM)

**Aos agricultores**

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

**“Os ultimos escandalos de Paris.”**

Grande romance de Duhet de Laforest, illustrado de numerosissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mysterios de Paris* e *Rocambolo*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos occorridos na actualidade. Obra moralissima pela edificação dos factos relatados e pelas injustiças que esses mesmos factos frequentemente annuncia. *Brinde a todos os assignantes:* Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas cores e com desenhos apropriados ao assumpto tratado no mesmo volume. Um premio da Santa Casa da Misericordia de Lisboa nas condições dos prospectos em distribuição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e 5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de 160 paginas e 20 gravuras, 200 réis. Assigna-se em todas as terras do paiz onde temos agentes, e na «Editora»—Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**

DA ACREDITADA FABRICA

**“PFAFF,”**

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

**ESTABELECIMENTO**

**DE MERCEARIA E FERRAGENS**

— DE —

**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes typographias, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita